

ARTE E ESFERA PÚBLICA

UM PROJETO DE **GRAZIELA KUNSCH** E **VITOR CESAR** EM COLABORAÇÃO COM:

MARTHA ROSLER
RAFI SEGAL
JORGE MENNA BARRETO
RAQUEL GARBELOTTI
GRUPO DE EDUCAÇÃO COLABORATIVA
LOUISE GANZ
TATIANA FERRAZ
RUBENS MANO
MÔNICA NADOR
CRISTINA RIBAS
REGINA MELIM
MARTIN GROSSMANN
ARQUIVO DE EMERGÊNCIA
BASE MÓVEL
CAFÉ EDUCATIVO DO PAÇO DAS ARTES
CASA DA CIDADE
CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
EDITORA PRESSA
FÓRUM PERMANENTE
JAMAC

ARTE E ESFERA PÚBLICA

PROJETO PARA O EDITAL CONEXÃO ARTES VISUAIS MINC/FUNARTE/PETROBRAS 2007
SÃO PAULO 2007

UM PROJETO DE **GRAZIELA KUNSCH** E **VITOR CESAR** EM COLABORAÇÃO COM:

MARTHA ROSLER
RAFI SEGAL
JORGE MENNA BARRETO
RAQUEL GARBELOTTI
GRUPO DE EDUCAÇÃO COLABORATIVA
LOUISE GANZ
TATIANA FERRAZ
RUBENS MANO
MÔNICA NADOR
CRISTINA RIBAS
REGINA MELIM
MARTIN GROSSMANN
ARQUIVO DE EMERGÊNCIA
BASE MÓVEL
CAFÉ EDUCATIVO DO PAÇO DAS ARTES
CASA DA CIDADE
CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
EDITORA PRESSA
FÓRUM PERMANENTE
JAMAC

ÍNDICE

1. APRESENTAÇÃO	7
2. CRONOGRAMA E DESCRIÇÃO DE AÇÕES	11
3. CURRÍCULOS DOS COLABORADORES	29
4. ORÇAMENTO	33

1. PROJETO ARTE E ESFERA PÚBLICA

Antes, a arte pública era mais conhecida como o monumento solitário no meio da praça. Agora, os artistas podem desejar desenhar a praça inteira, criar um acontecimento que altere a dinâmica social de um ambiente urbano, ou ajudar a reconstruir uma vizinhança.

Tom Finkelpearl, *Dialogues in Public Art*

APRESENTAÇÃO

O edital do Projeto Conexão Artes Visuais MinC/Funarte/Petrobras 2007 tem como objeto

o incentivo às realizações inerentes ao campo das artes visuais, incluindo palestras, seminários, residências artísticas, debates, oficinas artísticas, ações e exposições, envolvendo diversos meios tais como: pintura, escultura, fotografia, desenho, objeto, performance, *body art*, instalação, *land art*, arte postal, livro objeto, poéticas visuais, cinema de artista, intervenção urbana, arte e tecnologia, instalação e *site-specific*.

Chamou a nossa atenção que, ao invés de utilizar o termo “categorias”, comum em editais de salões de arte, este edital utiliza o termo “meios” para abranger diferentes procedimentos artísticos. Chamou também a nossa atenção o uso de alguns termos em inglês, em especial o termo *site-specific*.

Para Jorge Menna Barreto e Raquel Garbelotti¹,

O termo *site-specific* tem sido usado maciçamente por instituições de arte e discursos do meio artístico, não só na sua língua de origem como em outras línguas. O uso indiscriminado do termo, assim como o desconhecimento do contexto histórico em que emergiu, parece amortecer a sua intenção crítica inicial e diluir o seu conceito como se fosse apenas mais uma categoria da arte contemporânea.

Não queremos sugerir que o edital do Projeto Conexão utiliza o termo indiscriminadamente, pelo contrário, valorizamos o fato de o *site-specific* aparecer como um meio, e não como uma categoria. Também valorizamos o fato de o termo não ter sido traduzido para o português, pois

uma tradução literal do termo *site-specific* provavelmente originaria algo como *local específico* no português. Tal literalidade corre sérios riscos, como, por exemplo, a confusão em relação à obra e ao lugar. No inglês, a expressão é usada como um adjetivo para caracterizar a especificidade da obra de arte. A expressão local específico em português qualifica o lugar como sendo específico, e não necessariamente a obra².

Interessados no potencial crítico e em toda discussão gerada pelos trabalhos *site-specific*, desde as controvérsias em torno do *Tilted arc* de Richard Serra, os aspectos econômicos, sociais e políticos envolvidos nos trabalhos de Hans Haacke e de Mierle Laderman Ukeles, até práticas mais recentes, chamadas por alguns autores de “arte no interesse público”, pensamos em elaborar um projeto que envolvesse, principalmente, atividades de formação. Não apenas atividades que possam dar conta do contexto histórico em que nasceram as práticas *site-specific*, mas que nos ajudem a entender o que é *site-specificity* hoje. Mais que isso, que nos ajudem a encontrar uma tradução para este termo no contexto brasileiro, pois as estratégias formuladas nos países hegemônicos não são simplesmente copiadas por realidades como a nossa. Devemos considerar, como coloca Moacir dos Anjos³,

a complexidade dos mecanismos de reação e adaptação das culturas não-hegemônicas ao impulso de anulação das diferenças que a globalização engendra, promovendo formas novas e específicas de pertencimento ao local e criando, simultaneamente, articulações inéditas com o fluxo global de informações.

A partir do entendimento das práticas *site-specific* e de sua tradução no contexto brasileiro, o presente projeto busca investigar o que seria esfera pública na atualidade e, principalmente, como a arte pode gerar esta esfera pública.

INTEGRAÇÃO VS. INTERVENÇÃO

Uma das nossas referências teóricas, a autora Miwon Kwon, parte do *site-specific* para comentar três paradigmas da arte pública⁴:

1. Arte no espaço público

Aquí o artista realizava uma obra de seu estilo fora do museu. O que legitimou estas obras como “públicas” foi o fato de estarem localizadas externamente ou em locais considerados públicos, por seu acesso físico irrestrito. A relação estabelecida entre arte e arquitetura, nesta situação, transformava o trabalho do artista em ornamento, assim foi criticada por uma falta de conexão com o público.

2. Arte como espaço público

A tentativa de aproximação do público com o trabalho aconteceu de forma física. Artistas passaram a integrar projetos de renovação urbana, realizando esculturas urbanas que funcionaram como paisagismo, mobiliário urbano ou construções arquitetônicas.

3. Arte no interesse público

Também chamado de *new genre public art*, por Suzanne Lacy⁵, neste terceiro momento da arte pública os artistas utilizam procedimentos tradicionais e não-tradicionais para interagir com uma ampla e diversificada audiência, tratando de assuntos diretamente relevantes nas vidas dessas pessoas. Podemos citar o caso do Superflex, presente na 27a. Bienal de São Paulo. Este grupo de artistas dinamarqueses realizou um projeto em colaboração com uma cooperativa de agricultores de guaraná na Amazônia, criando uma marca de refrigerante chamada Guaraná Power. O trabalho funciona como um posicionamento contra-hegemônico, criando a possibilidade de os agricultores combaterem o cartel a que estão submetidos e levantando uma discussão pública.

É este terceiro paradigma que orienta o nosso projeto. E paralelamente a esta motivação, *Arte e esfera pública* busca refletir sobre os novos formatos de exposição, que deixam de ser *espaços de representação* para se transformarem em *espaços de uso*, abrigando pessoas, relações, prestação de serviços, documentações, ambientes de estudo, salas de aula, bibliotecas, videotecas e debates, entre outras funções.

ATIVIDADES

Este projeto está previsto para acontecer durante o mês de novembro de 2007, em São Paulo.

As atividades programadas são:

- uma revista impressa;
- quatro oficinas;
- seis palestras;
- dois debates;
- um ambiente de estudo;
- um jornal impresso;

Para apresentar as diferentes atividades optamos por fazer um cronograma espaçado, em várias páginas. Cada página apresenta a data sugerida para cada atividade e já inclui uma descrição desta atividade e o local que abrigará a mesma. Após este cronograma, colocamos os currículos dos colaboradores e um orçamento completo.

COLABORADORES

Os espaços que concordaram em abrigar as atividades deste projeto caso o mesmo seja selecionado são a Casa da Cidade, o Café Educativo do Paço das Artes, o Centro Cultural São Paulo e o Jamac – Jardim Miriam Arte Clube, além de Graziela Kunsch abrigar os convidados de fora de São Paulo em sua nova casa, dando continuidade aos projetos de residência que iniciou em 2001 (*Casa da Grazi*, entre 2001 e 2003 e *Hotel*, em 2004, em parceria com Jorge Menna Barreto).

Entre os colaboradores do projeto estão artistas e arquitetos de diferentes cidades brasileiras, além de dois convidados internacionais; a artista Martha Rosler e o arquiteto Rafi Segal. Martha foi convidada a repensar o projeto *If you lived here*, que organizou em 1989, na cidade de Nova Iorque, quando a população local experimentava um forte processo de gentrificação, de despejos em massa, como vem acontecendo hoje em São Paulo, em nome de uma “revitalização” urbana. Rafi foi convidado por seus trabalhos que expõem o uso político da arquitetura, como a exposição/publicação *Uma ocupação civil – a política da arquitetura israelense* e por sua preocupação em redefinir e mapear espaços públicos na atualidade.

COBERTURA E DIVULGAÇÃO

O Fórum Permanente⁶ fará a transmissão *on line* simultânea de algumas atividades e abrigará a memória do projeto – relatos, fotos, áudios e vídeos –, como uma espécie de diário coletivo, que será atualizado pelos próprios colaboradores. O evento será divulgado na página do Fórum Permanente e através de sua *newsletter*.

APÓS O EVENTO

Uma vez terminado o evento, planejamos a produção de um jornal, com tiragem de 5.000 exemplares, a ser distribuído para espaços culturais e coletivos de artistas de todo o Brasil, compreendendo registros das atividades e textos sobre as discussões geradas pelo evento. Como as oficinas propostas pelo projeto são para 20 alunos, os oficinairos se comprometeram a redigir textos relatando essas experiências, na tentativa de que as mesmas sejam compartilhadas para um número maior de pessoas.

1 JORGE MENNA BARRETO E RAQUEL GARBELOTTI, *ESPECIFICIDADE E (IN)TRADUZIBILIDADE*. PUBLICAÇÃO DO 13º ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 2004.

2 IDEM.

3 MOACIR DOS ANJOS. *LOCAL/GLOBAL: ARTE EM TRÂNSITO*. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR ED., 2005.

4 MIWON KWON. *ONE PLACE AFTER ANOTHER: SITE-SPECIFIC ART AND LOCATIONAL IDENTITY*. MASSACHUSETTS: MIT PRESS, 2002.

5 SUZANNE LACY. *MAPPING THE TERRAIN: NEW GENRE PUBLIC ART*. SEATTLE: BAY PRESS, 1995.

6 O FÓRUM PERMANENTE: *MUSEUS DE ARTE, ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO* É UMA PLATAFORMA CRÍTICA PARA A DIVULGAÇÃO, DEBATE E MEMÓRIA DAS POLÍTICAS E AÇÕES CULTURAIS PROMOVIDAS -DIRETA OU INDIETAMENTE- PELA ATUAÇÃO DO MUSEU DE ARTE NA ATUALIDADE. ESSE FÓRUM PRETENDE ASSIM CONTEXTUALIZAR E PROBLEMATIZAR A FUNÇÃO E O USO DESSE APARELHO CULTURAL NÃO SÓ EM SUA DIMENSÃO INTERNACIONAL COMO TAMBÉM NA REGIONAL OU TERRITORIAL. ESSE É O OBJETIVO-CHAVE MAS HÁ, NO ENTANTO, UM OBJETIVO SUBLIMINAR E FORMATIVO: O DE CONTRIBUIR, DE FORMA SIGNIFICATIVA E MOBILIZADORA, PARA O AMADURECIMENTO DO CONTEXTO POLÍTICO-CULTURAL DAS ARTES VISUAIS NO BRASIL POR MEIO DO INCENTIVO DE INTERCÂMBIOS CULTURAIS INTERNACIONAIS. VISANDO CUMPRIR ESSES OBJETIVOS, O FÓRUM ESTRUTURA-SE NA INTERAÇÃO ENTRE EVENTOS PRESENCIAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ESFERA VIRTUAL, UTILIZANDO PARA TANTO E PRINCIPALMENTE ESPAÇOS CULTURAIS DA CIDADE DE SÃO PAULO E UM SITE NA INTERNET ESPECIALMENTE PLANEJADO PARA ESSE FIM: [HTTP://WWW.FORUMPERMANENTE.ORG/](http://www.forumpermanente.org/)

2. CRONOGRAMA E DESCRIÇÃO DE AÇÕES

SABÁDO - 3 DE NOVEMBRO

- *. Abertura do projeto **ARTE E ESFERA PÚBLICA**
- *. Lançamento da revista **URBÂNIA 3**, pela Editora Pressa
- *. Abertura do **CAFÉ EDUCATIVO**

URBÂNIA

A revista Urbânia foi lançada em 7 de março de 2001 e era focada nas ações e discussões do Núcleo Performativo Subterrânea. O segundo número da revista foi lançado em 2002 e o terceiro número, previsto para 2003, está sendo retomado apenas agora, em 2007.

Originalmente, a revista era feita em fotocópias preto-e-branco, em uma tiragem pequena, de 300 exemplares. Mas ela tinha uma distribuição eficiente: a Editora Pressa – editora independente de Graziela Kunsch – enviava aproximadamente 10 cópias da revista para 20 coletivos de artistas espalhados por diferentes cidades brasileiras. Como a revista tinha uma licença de livre reprodução, que estimulava que as pessoas copiassem e distribuíssem a mesma, a tiragem inicial acabava se multiplicando. Apesar de pequena, a revista se tornou conhecida e, em 2003, através de um convite de Ricardo Basbaum, integrou o debate de lançamento da revista *Item 6 – A revista como instrumento de intervenção cultural*, dialogando com as revistas *Ars*, *Item*, *Número* e *Sexta-feira*.

Neste terceiro número, a Editora Pressa pretende manter a rede de distribuição independente e a licença livre, porém a revista terá uma tiragem maior, maior número de páginas e algumas páginas coloridas.

* interruptor de luz . grupo poro . belo horizonte, 2005



* girassol . rodrigo costa lima . fortaleza, 2005

Urbânia 3

Este número da revista é focado em ações que *refazem as cidades*. Hortas urbanas, placas de bicicleta espalhadas pelas ruas, interruptor de luz nos postes, uso público de terrenos privados abandonados, almoços em família nas calçadas e praças, rebatismo popular de avenidas, plantação de girassóis, numeração de casas de uma favela, abertura de portas traseiras dos ônibus, reciclagem de galpões abandonados em área de trabalho e moradia de catadores de materiais recicláveis, entre outras tantas ações.

São trabalhos feitos coletivamente por artistas, arquitetos, agrônomos, ciclistas e ativistas políticos que mostram que o direito das pessoas à cidade é mais que o direito à cidade como ela existe; trata-se do direito de fazermos e refazermos esta cidade.

Lançar esta revista no primeiro dia de evento significa apresentar o nosso ponto de partida na elaboração deste projeto; apresentar os trabalhos que provocaram a nossa reflexão sobre arte e esfera pública e sobre os novos formatos de documentação e exposição.

CAFÉ EDUCATIVO

O Café Educativo é um projeto do Grupo de Educação Colaborativa, para ser inaugurado no segundo semestre de 2007, no Paço das Artes. Consiste na instauração de um café que também seja um espaço relacional e de mediação.

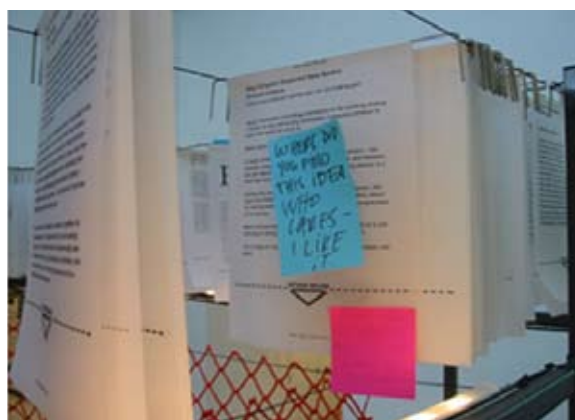
Durante o mês de novembro, em colaboração com o projeto *Arte e esfera pública*, o Café Educativo abrigaria o Arquivo de emergência, de Cristina Ribas; a BASE móvel, da Transição Listrada; e parte da biblioteca e da videoteca pessoais de Graziela Kunsch, que tem muitos materiais relacionados ao tema do evento. As publicações de Rafi Segal e de Martha Rosler, bem como os vídeos da artista, também estariam disponíveis no café.

Os atendentes do Café – o próprio Grupo de Educação Colaborativa e uma mediadora convidada especialmente para o mês de realização projeto – estarão preparados para conversar sobre estes projetos e sobre temas relacionados. Além de permanecer aberto para consulta de terça a sábado, o Café abrigará duas atividades: o lançamento da revista *Urbânia 3*, descrita anteriormente, e palestras sobre os novos formatos de documentação e exposição, apresentados mais adiante.

O Café Educativo terá uma configuração espacial composta por mobiliário especial, equipamentos utilitários, mecanismos de apoio informativo (como projeções de vídeo), arquivo físico de textos e imagens, além de totem contendo arquivos digitais sobre as exposições e outras atividades do Paço das Artes. Essa arquitetura pretende criar um ambiente que seja flexível e relacional, podendo ser moldado conforme as especificidades de cada evento.

nota: embora o Café Educativo tenha sido projetado para acontecer no Paço das Artes, existe a possibilidade de que ele seja abrigado pelo Centro Cultural São Paulo, transferindo as atividades previstas em colaboração com o Café para esta instituição.

* abaixo, imagens de um projeto de colaboração entre o grupo raqs media collective e atelier bow-wow, que inspiram a arquitetura do café educativo . walker art center . minneapolis, 2003





* o grupo de educação colaborativa possui uma “vestimenta-enunciado” que é usada no trabalho de mediação. da esquerda para direita, os colaboradores billy toledo, diogo de Moraes e Kelly Sabino.

GRUPO DE EDUCAÇÃO COLABORATIVA

Atuando como o núcleo educativo do Paço das Artes desde abril de 2007, o Grupo de Educação Colaborativa tem como eixo conceitual a ideia de colaboração, como o próprio nome indica. Esta ideia parte do entendimento da experiência artística como a criação de um *estado de colaboração* entre artista, obra, público e mediador, tornados assim colaboradores. A ideia também é pensar a experiência de uma obra como um trabalho, labor, que demanda um empreendimento, um investimento daqueles que se dispõem a esse exercício. À palavra laboração agrega-se o prefixo “co”, lembrando que esta sempre é uma experiência coletiva.

Formado na sua maioria por artistas plásticos, o Grupo de Educação Colaborativa define a sua mediação como uma prática artístico-pedagógica, que não pretende explicar as obras que media, mas multiplicar a sua leitura e abordagem, no intuito de manter (e não “resolver”) a tensão provocativa e criativa de grande parte da produção artística contemporânea que acontece no Paço das Artes.

SEMANA 1 - 5 A 9 DE NOVEMBRO

*. Práticas artísticas contemporâneas em sistemas de movimentação ou o *site-specific* hoje - **OFICINA COM JORGE MENNA BARRETO E RAQUEL GARBELOTTI**

PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS EM SISTEMAS DE MOVIMENTAÇÃO OU O *SITE-SPECIFIC* HOJE

LOCAL DA ATIVIDADE: CASA DA CIDADE
CARGA HORÁRIA: 15 HORAS, SENDO CINCO DIAS, TRÊS HORAS POR DIA
NÚMERO DE PARTICIPANTES: ATÉ 20 ALUNOS
CRITÉRIO DE SELEÇÃO: CARTA DE INTERESSE

Esta oficina busca investigar questões relacionadas à tradução de uma realidade local/global a partir das práticas e críticas sobre o *site-specific*. Pensar as possibilidades de apreensão de um procedimento artístico, que inclua a linguagem e outras formas de materialização ou visualidade dos processos de (in)traduzibilidade de um lugar, determinado como recorte cultural.

Dia 1: O *site* físico

Dia 2: A instituição como *site*

Dia 3: O *site* discursivo

Dia 4: *Site-specific*: metodologia vs. categoria?

Dia 5: Especificidades moventes

Inicialmente, a expressão *site-specific* foi mais empregada para definir a obra que incorporava as condições físicas de uma certa localidade como parte importante na sua concepção, apresentação e recepção. A arquitetura servia, então, como base para tais intervenções. A formalização do trabalho era determinada pelo espaço físico e dele dependia. A afirmação de Richard Serra exemplifica bem os paradigmas vigentes nas primeiras aparições da arte dita *site-specific*: "a especificidade dos trabalhos *site-oriented* significa que eles são concebidos por, dependentes de, e inseparáveis de seu local".

A partir daí, a noção de *site* expandiu-se e passou a incluir outros aspectos do lugar até então não considerados. Trabalhos como o de Hans Haacke e Daniel Buren repensaram o *site* fenomenológico do Minimalismo a partir de uma reflexão crítica sobre o museu e a galeria, expondo assim aspectos de seu funcionamento e revelando a sua falsa neutralidade como suporte para a obra. Tal ampliação tornou a noção de *site* mais inclusiva e complexa, alterando também a maneira como a obra se relacionaria com esse lugar. Aspectos sociais, econômicos, históricos e políticos tornam-se assim ingredientes importantes dessa relação.

A partir da década de 90 do século passado, as práticas orientadas para um lugar específico começaram a operar a partir de perspectivas de impermanência, descontinuidade, ambiguidade e desterritorializações. O lugar e a obra transcendem a sua noção identitária, fixa e sedentária e adquirem um modelo nômade e itinerante cujas fronteiras são de difícil visibilidade. O exercício de pertencimento da obra em relação a esse lugar ganha novos contornos num território que agora é fluido e disperso. O lugar da obra deixa de ser somente um lugar literal e torna-se um *informational site*, como caracteriza o autor James Meyer, que inclui desde o lugar físico (sem priorizá-lo), até fotografias, textos, vídeos, objetos etc. que não se encontram confinados a uma localidade específica nem literal e que remetem a outros lugares e situações num exercício infinito de associações e encadeamentos.

* lugares moles . jorge menna barreto, 2006



* trecho do artigo *especificidade e (in)traduzibilidade* . jorge menna barreto e raquel garbelotti, 2004

CASA DA CIDADE

A Associação Casa da Cidade, entidade civil sem fins lucrativos, existe desde junho de 2000. Funcionando inicialmente de modo informal, ficou conhecida como Casa da Rodésia, por estar situada na rua Rodésia, no bairro da Vila Madalena, na cidade de São Paulo. A partir de 2005, a Associação foi formalizada com o nome de Casa da Cidade, sendo formada por arquitetos, intelectuais, professores universitários, artistas e militantes de movimentos sociais.

A principal atividade desenvolvida pela Casa da Cidade tem sido a realização de ciclos de debates, conferências e mesas redondas, abertos a todo cidadão, e que tem aglutinado centenas de pessoas que encontram neste espaço um ambiente propício e democrático para uma discussão sem censura e aberto para a reflexão crítica. As principais áreas que têm sido priorizadas na organização dos debates são as políticas públicas, com ênfase nos temas relacionados com a questão urbana, meio ambiente e política cultural da região, e, também, sobre a cidade de São Paulo.

Os cerca de sessenta debates promovidos nestes seis anos pela Casa da Cidade reuniram nomes expressivos do cenário cultural, acadêmico e político nacional, como, entre outros, os professores Marilena Chauí, Chico de Oliveira, Paul Singer e Fernando Haddad, os secretários de Cultura do município Marco Aurélio Garcia, Celso Frateschi e Carlos Augusto Calil, as arquitetas Ermínia Maricato e Raquel Rolnik, o poeta Hamilton Faria, o geógrafo Demetrio Magnoli, o economista Amir Khair e o deputado José Eduardo Cardoso. Os debates promovidos pela Casa da Cidade se caracterizam pela ampla liberdade de manifestação do público, pela informalidade do ambiente e pelo vivo e permanente questionamento crítico que proporciona.

Além de debates, a Casa da Cidade tem promovido cursos de formação – voltados sobretudo para os temas urbanos e territoriais, como o Plano Diretor e Regularização Fundiária – e eventos culturais.

SÁBADO - 10 DE NOVEMBRO

*. Nas margens do urbanismo - **DEBATE ENTRE OS ARQUITETOS-ARTISTAS LOUISE GANZ, RUBENS MANO, TATIANA FERRAZ E VITOR CESAR**

NAS MARGENS DO URBANISMO

LOCAL DA ATIVIDADE: CASA DA CIDADE

DURAÇÃO: 3 HORAS + INTERVALO DE 15 MIN

Cada convidado terá vinte minutos para apresentar até três trabalhos de sua produção. Na sequência, estes trabalhos serão debatidos a partir da noção de urbanismo.



* bueiro (da série huecos) . rubens mano . são paulo, 1997

Urbanismo, mas não em prosa

1:1 (escala um pra um)

Gosto de caminhar pela cidade. Venho fazendo mais isso agora que estou morando em São Paulo, mais do que quando estava em Fortaleza. Acho que foi na faculdade que aprendi que para compreender, sentir, viver uma cidade a gente precisava fazer isso: andar bastante. Estudei Arquitetura e Urbanismo, na verdade bem mais urbanismo, mesmo não concordando muito com a forma tradicional de pensá-lo: a cidade como um lugar em que a gente podia estabelecer categorias de estudos preexistentes e aplicar em qualquer situação isolando as partes do espaço urbano. Além disso, foi um pouco decepcionante descobrir que uma atividade tão importante e complexa como urbanismo se tornou uma ferramenta de manipulação social, utilizada para outros fins que não os de interesse coletivo. Mesmo assim, continuei a pesquisa e acabei descobrindo outras coisas que me interessavam mais nessa área. Estudei urbanistas que consideram a cidade como um lugar feito, principalmente, por pessoas. Eles compreendem a cidade como um lugar onde as relações criadas e estabelecidas por essas mesmas pessoas constituem o tecido urbano. Nesse caso, é mais importante, muitas vezes, olhar primeiro o vizinho regando a grama do que se preocupar com a taxa de ocupação do solo de uma região. Por isso procuro caminhar ainda mais.

Caminhando podemos perceber a cidade de forma mais atenta, e isso me lembra a frase do artista espanhol Antoni Muntadas (de quem acabei de ver uma palestra) – *Atenção: percepção requer envolvimento*. Na calçada, esse espaço que sobrou para os pedestres e que fica entre a rua e os edifícios, temos a possibilidade de estabelecer um tempo que não tem tanta relação com megaintervenções pensadas para melhorar o trânsito urbano. Nesse lugar, a cidade se deixa perceber muito mais, na escala e na velocidade do nosso corpo. Assim, tornam-se mais visíveis rituais, situações e acontecimentos que constituem a malha urbana e a cultura de uma cidade.

A cada momento, inúmeras situações acontecem ao mesmo tempo na cidade e o somatório delas constitui as características de cada centro urbano. Assim, a cidade está sendo constantemente transformada: desde o simples deslocamento de uma pessoa até a construção de um edifício; desde o som de uma sirene até uma pedra que sai do lugar. Cada pequena ação tem sua importância no processo de transformação da cidade. Essas ações somadas formam o cotidiano e eu prefiro pensar no Urbanismo a partir daí. Dessa escala que se aproxima das histórias, dos desejos, das paixões de cada pessoa.

* anotações do projeto *medidas urbanísticas*. vitor cesar, 2004

* lotes vagos . louise ganz . belo horizonte, 2005

este projeto foi uma ação coletiva organizada por arquitetos e artistas, que temporariamente transformou terrenos baldios privados em espaços públicos



SEMANA 2 - 12 A 16 DE NOVEMBRO

*. Arte no interesse público - **OFICINA COM GRAZIELA KUNSCH E VITOR CESAR**

ARTE NO INTERESSE PÚBLICO

LOCAL DA ATIVIDADE: JAMAC

CARGA HORÁRIA: 15 HORAS, SENDO CINCO DIAS, TRÊS HORAS POR DIA

NÚMERO DE PARTICIPANTES: ATÉ 20 ALUNOS

CRITÉRIO DE SELEÇÃO: PRIORIDADE PARA FREQUENTADORES DO JAMAC, CARTA DE INTERESSE

Como articular conceitos de democracia, arte pública e espaço público em direções radicais? Quem é o *sujeito* de um espaço público democrático? No contexto contemporâneo, a arte pública deixa de ser a "escultura de praça pública" e passa a atuar no "interesse público". Mas a quem nos referimos quando falamos em interesse público? A partir do mapeamento e da escuta de algum local/de alguma situação no Jardim Miriam, bairro periférico de São Paulo, esta oficina propõe que artistas e moradores do bairro desenvolvam trabalhos em colaboração.

Dia 1: Apresentação da proposta da oficina e dos participantes. Aula sobre o projeto *Mutirão: refazendo as cidades*, de Graziela Kunsch. Este trabalho reúne uma série de vídeos feitos em colaboração com pessoas de movimentos sem-teto e de movimentos que lutam por um transporte público de verdade.

Dia 2: Aula sobre *site-specificity* e *produção do espaço*: nós não vivemos, atuamos ou trabalhamos "no" espaço, mas sim produzimos o espaço, vivendo, atuando e trabalhando. Apresentação do trabalho do coletivo Bicicletada, de São Paulo. Escolha de um lugar para mapeamento.

Dia 3: Escuta do lugar: mapeamento. Neste dia cada integrante da oficina deve eleger uma ferramenta para registrar suas anotações/fazer seu mapeamento. Pode ser um bloco de notas e um lápis, um gravador de áudio, uma câmera fotográfica, uma câmera de vídeo etc.

Dia 4: Compartilhar os diferentes mapeamentos. Elaborar e preparar uma ação coletiva.

Dia 5: Ação.



* futebol . excerto de A.N.T.I. cinema . itapecerica da serra, 2007
integra o projeto mutirão . graziela kunsch



* paredes pinturas no jardim miriam :

o primeiro objetivo do jamac foi aplicar os estênceis desenvolvidos no ateliê, baseados nos desenhos de seus freqüentadores, em paredes do bairro, realizando pinturas murais internas e externas de escolas, residências e outras. nas residências, os desenhos são feitos, na maioria dos casos, pelos seus próprios habitantes. nas escolas, os desenhos são feitos pelos alunos.

JAMAC

O Jamac – Jardim Miriam Arte Clube é uma associação civil sem fins lucrativos, formada por artistas, voluntários e moradores do Jardim Miriam, bairro da periferia da cidade de São Paulo. Pretende ser um núcleo gerador de ações artísticas, que tragam benefícios concretos para os moradores do bairro, desde a melhoria das habitações até o ensino de ofícios, assim como a apresentação de conceitos mais abstratos que promovam a ampliação da visão de mundo dos participantes, desenvolvendo a consciência crítica.

O Jardim Miriam é uma constelação de vilas que integram a região de Cidade Ademar, localizada na zona sul de SP e conta com aproximadamente 350.000 habitantes. A área é de mananciais e, apesar de protegida por lei, cresceu desordenadamente sob o signo da ocupação irregular, sem atenção do poder público, e nas mãos de especuladores imobiliários. Com uma população crescente, sem alternativas de saúde, educação e lazer, os filhos da população migrante de baixa renda, ajudantes na indústria ou empregados da construção civil, tornaram-se presas fáceis para a criminalidade nesta região, que nos anos 1990 ocupou o posto de maior índice de violência urbana da cidade.

O ateliê é aberto à comunidade, abrigando uma oficina de estêncil e uma biblioteca sobre arte contemporânea. Ali também acontecem exposições, cursos sobre economia, política e filosofia entre outros saberes, palestras com artistas, encontros musicais ou outras atividades afins, propostas pela comunidade.

SÁBADO - 17 DE NOVEMBRO

*. Repensando o projeto *If you lived here* - **PALESTRA DE MARTHA ROSLER**

REPENSANDO O PROJETO *IF YOU LIVED HERE*

LOCAL DA ATIVIDADE: CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
DURAÇÃO: 2 HORAS

Em 1987, o Dia Art Foundation de Nova Iorque queria apoiar a produção de artistas que estivessem engajados em explorar uma forma mais ampla de se fazer arte que a forma geralmente apresentada em galerias e museus. Por uma recomendação da cineasta Yvonne Rainer, o Dia convidou os artistas Martha Rosler e Group Material (neste momento formado por Doug Ashford, Felix Gonzalez Torres e Julie Ault) para pensarem projetos no Dia.

O projeto organizado por Martha Rosler, chamado *If you lived here* [Se você morasse aqui], teve duração de seis meses e compreendeu três exposições coletivas, mostras de vídeo, leituras e uma série de debates abertos sobre problemas de moradia e sobre visões da cidade.

Em sua palestra, a artista fará uma reflexão sobre esta experiência, mostrando como a cidade pode ser assunto para a arte.



SEMANA 3 - 19 A 23 DE NOVEMBRO

*. Centro vivo vs. projetos de revitalização urbana: ações de resistência na Nova Iorque de 1989 e na São Paulo de 2007 - **OFICINA COM MARTHA ROSLER**

CENTRO VIVO VS. PROJETOS DE REVITALIZAÇÃO URBANA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA NA NOVA IORQUE DE 1989 E NA SÃO PAULO DE 2007

LOCAL DA ATIVIDADE: CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
CARGA HORÁRIA: 15 HORAS, SENDO CINCO DIAS, TRÊS HORAS POR DIA. EXISTE A POSSIBILIDADE DESTA CARGA HORÁRIA SER AMPLIADA, ACONTECENDO A OFICINA DE FORMA INTENSIVA, NO PERÍODO DA MANHÃ E NO PERÍODO DA TARDE.

NÚMERO DE PARTICIPANTES: 20 A 30 ALUNOS

CRITÉRIO DE SELEÇÃO: PRIORIDADE PARA INTEGRANTES DE COLETIVOS DE ARTE QUE COLABORAM COM LUTAS POLÍTICAS E PARA INTEGRANTES DE MOVIMENTOS SOCIAIS DO CENTRO DE SÃO PAULO, CARTA DE INTERESSE

Serão convidados para participar desta oficina teórico-prática integrantes de coletivos de arte paulistanos que vêm realizando uma série de projetos críticos ao processo de "revitalização" do centro de São Paulo. Estes coletivos organizam ações midiáticas e de resistência em colaboração com ocupações de sem-teto, moradores de rua, trabalhadores ambulantes e catadores de materiais recicláveis que vêm sendo impedidos de trabalhar e expulsos do Centro. O objetivo desta oficina é que esses coletivos possam escutar mais detalhadamente sobre o projeto *If you lived here*, que há quase vinte anos lidou com questões muito parecidas, além de expor seus projetos para Martha Rosler, interessada em ouvir sobre as nossas investigações no Brasil.

Além dos coletivos de artistas, serão convidadas para esta oficina pessoas dos movimentos sociais:

MMRC – Movimento de Moradia da Região Central,
MNPR – Movimento Nacional da População de Rua,
MNCR – Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis

MASP – Movimento dos Ambulantes de São Paulo e
MPL – Movimento Passe Livre.



* zumbi somos nós . frente 3 de fevereiro . ocupação prestes maia são paulo, 2006

SÁBADO-24 DE NOVEMBRO

*. Os novos formatos de exposição - **PALESTRAS DE CRISTINA RIBAS, REGINA MELIM, JORGE MENNA BARRETO E GRAZIELA KUNSCH + ALMOÇO EDUCATIVO**

OS NOVOS FORMATOS DE EXPOSIÇÃO

LOCAL DA ATIVIDADE: CAFÉ EDUCATIVO
DURAÇÃO: 4 HORAS + 1 HORA DE ALMOÇO

11H – 13H

ARQUIVO DE EMERGÊNCIA

O Arquivo de emergência é um ambiente relacional, de guarda e disposição de folhetos, imagens, textos, relatos, catálogos, livros e rascunhos de eventos de ruptura da arte contemporânea brasileira. Esta “pesquisa-militante”, na caracterização de Cristina Ribas, a arquivista, é desenvolvida desde 2005. O objetivo do Arquivo é permitir a atualização de tais eventos, para um espaço-tempo dilatado da pesquisa, mesmo que os eventos tenham ocorrido em geografias e tempos distintos. O projeto permite a produção de uma história específica das artes. O Arquivo já foi apresentado no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, Olinda, e no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo. Como colocado na página 12 deste cronograma, se este projeto for aceito, o arquivo estará disponível para consulta no Café Educativo.

EXPOSIÇÕES PORTÁTEIS

As Exposições portáteis de Regina Melim consistem em mostras que são realizadas no espaço de uma publicação. Caracterizando-se como um espaço móvel, ou portátil, seu intuito é expandir o circuito dos espaços institucionais (museus e galerias), extrapolando o meio físico de uma sala expositiva, bem como suas fronteiras geográficas. E, por conseguinte, a própria noção de exposição.

Concebida para habitar temporariamente uma sala expositiva, tais mostras prolongam-se em outros contextos, através da participação do espectador, que poderá levar consigo, estender e ampliar seus níveis de reflexão. Objetivando alterar a forma convencional de recepção, o espectador com esta exposição passa a interagir tacitamente com a obra artística, que existe não como estrutura pronta, fechada em si, mas como uma superfície aberta e

distributiva. E em permanente circulação.

Além disso, seu formato portátil busca deslocar o que sempre esteve vinculado como informação secundária ou registro de uma exposição, para tornar-se, ela própria - a publicação - o veículo primário das proposições artísticas que ali se inserem. Além disso, pensada para desafiar algumas regras que geralmente governam as mostras de arte, ou seja, de não apresentar-se apenas como um conjunto de obras instaladas em um espaço, esse formato portátil de exposição propõe uma temporalidade diferenciada, alargada e que resiste ao tempo formatado de sua cultura, estabelecida pela fórmula: começou-acabou. E, quando desmanchada, tudo é novamente pintado de branco.



* foram apresentadas duas exposições portáteis: *pf (por fazer)*, organizada em 2006 e, *amor.love: leve com você. take with you.*, organizada em 2007

13H -14H

ALMOÇO EDUCATIVO

Para preparar este almoço foi convidada uma equipe de pessoas que cozinha refeições vegetarianas em manifestações populares, em eventos de rua.



* projeto matéria . jorge menna barreto . são paulo, 2004

14H -16H

PROJETO MATÉRIA: A OFICINA COMO INTERVENÇÃO

O Projeto Matéria foi desenhado por Jorge Menna Barreto como sua exposição individual para o Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo, em 2004. O artista instaurou um ambiente de sala de aula em seu espaço expositivo, onde ocorreram uma série de conversas sobre práticas artísticas contemporâneas, com ênfase no *site specificity*. Cada encontro propunha um tema para discussão e contava com a presença de um convidado especial: 1. A desmaterialização do objeto artístico: conceitualismo, com Cristina Freire; 2. Especificidade: para quê? O *site-specific* deslocado, com Ana Tavares; 3. A escuta do lugar: táticas de mapeamento – O CCSP como *site*, com Tatiana Ferraz; 4. O cultivo do lugar: formas de pertencimento, com Raquel Garbelotti; 5. O *artista-professor*: a oficina como intervenção, com Ricardo Basbaum; 6. A sala de aula: espaço de performance, com Regina Melim; 7. O texto crítico e o texto como obra, com Carla Zaccagnini; e 8. Registro, documentação e responsabilidade, com Graziela Kunsch.

SÁBADO-24 DE NOVEMBRO (CONTINUAÇÃO)

UM ESPAÇO PARA A CONTRACULTURA INGLESA: ARTE COMO PRESTAÇÃO DE SERVIÇO

Exposição individual de Graziela Kunsch por ocasião do 8º Cultura Inglesa Festival, Centro Brasileiro Britânico, em 2004. Esta exposição, baseada na obra do escritor inglês Stewart Home, autor de *Assalto à cultura*, explorou a noção de *arte como prestação de serviço*, formulada por Andrea Fraser e Helmut Draxler. Entre outras ações, esta exposição compreendeu uma equipe de tradução de textos de Stewart Home e a coordenação da edição brasileira de seus livros *Greve da arte* e *Manifestos neoístas*, em parceria com a Conrad Editora.



* restaurante . são paulo, 2005

CASA DA GRAZI, HOTEL E RESTAURANTE: ESTÉTICA RELACIONAL?

Entre 2001 e 2003 Graziela Kunsch abriu a casa onde morava como uma "residência pública" (Casa da Grazi), abrigando exposições e coletivos de diferentes cidades brasileiras: Atrocidades Maravilhosas (Rio de Janeiro), Núcleo Performático Subterrânea (São Paulo), Empreza (Goiânia), GRUPO (Belo Horizonte), Laranjas (Porto Alegre), Urucum (Macapá), Telephone Colorido (Recife), entre outros. A biblioteca pessoal da artista tinha acesso público para estudos e empréstimo de livros.

Em 2004, Graziela e Jorge Menna Barreto transformaram a edícula desta mesma casa em um hotel, chamado Hotel, acolhendo residências de artistas estrangeiros e brasileiros, com café da manhã incluído. O café da manhã era uma desculpa para longas conversas, era o momento dos moradores com o hóspede. Nenhum hóspede fez trabalhos para a casa, o trabalho ali era a própria convivência. Em 2005, o quintal da casa foi transformado em um restaurante, chamado Restaurante, que servia refeições estritamente vegetarianas.

A idéia desta fala é apresentar e comentar estes projetos a partir do conceito de *estética relacional*, formulado por Nicolas Bourriaud.



* casa da grazi

SEGUNDA - 26 DE NOVEMBRO

*. Arquitetura vs. urbanismo; ou cidades em conflito - **PALESTRA DE RAFI SEGAL**

ARQUITETURA VS. URBANISMO; OU CIDADES EM CONFLITO

LOCAL DA ATIVIDADE: CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
DURAÇÃO: 2 HORAS

O trabalho de Rafi Segal inclui a exposição-publicação *A Civilian Occupation - the politics of Israeli Architecture*, feita em colaboração com Eyal Weizman, que expôs o uso social-político da arquitetura, através de uma análise de estabelecimentos e do planejamento urbano de Israel. Além de revisitar questões relacionadas à ética e às responsabilidades da profissão do arquiteto, este projeto incorporou diversas técnicas de mapeamento para revelar processos e objetivos do desenho arquitetônico.

Seus projetos como o Palmach History Museum, construído em Tel-Aviv, ou o Plano Diretor de Herzlia Coastline, re-interpretam a relação entre o objeto arquitetônico e a paisagem, integrando-os ao mesmo tempo em que permite que cada um mantenha suas características independentes.

Seu trabalho atual lida com o fenômeno do *urbanismo disperso* e com o possível papel e a expressão do espaço público neste processo.



* palmach history museum . tel-aviv

SEMANA 4 - 26 A 30 DE NOVEMBRO

*. Mapeando espaços públicos - **OFICINA COM RAFI SEGAL**

MAPEANDO ESPAÇOS PÚBLICOS

LOCAL DA ATIVIDADE: CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
CARGA HORÁRIA: 15 HORAS, SENDO CINCO DIAS, TRÊS HORAS POR DIA. EXISTE A POSSIBILIDADE DESTA CARGA HORÁRIA SER AMPLIADA, ACONTECENDO A OFICINA DE FORMA INTENSIVA, NO PERÍODO DA MANHÃ E NO PERÍODO DA TARDE.

NÚMERO DE PARTICIPANTES: ATÉ 20 ALUNOS
CRITÉRIO DE SELEÇÃO: PRIORIDADE PARA ARTISTAS E ARQUITETOS, CARTA DE INTERESSE

Apesar de todo o discurso de uma sociedade rapidamente mutável governada pela mídia e pela tecnologia, o humano ainda é um ser físico, com emoções e necessidades concretas. As transformações mais substanciais acontecem em uma velocidade mais lenta, quase sem serem notadas. Como um fato consumado, nós descobrimos que as cidades cresceram além do nosso controle, e que a nossa concepção de espaço público não mais reflete a cultura em que vivemos. Estas mudanças ainda precisam ser consideradas. Antes de buscarmos soluções arquitetônicas imediatas, os problemas precisam ser redefinidos e recolocados através de ferramentas apropriadas. Métodos tradicionais de mapeamento, que foram desenvolvidos em resposta a certas convenções de construção, ainda estão sendo usados em situações em que estas convenções mudaram. Precisamos explorar novos meios de ler e entender o nosso ambiente, para que possamos melhorar a forma como operamos nele. Esta oficina irá explorar algumas possibilidades nesta direção.



SÁBADO - 1 DE DEZEMBRO

*. como gerar uma esfera pública? - **ATIVIDADE DE ENCERRAMENTO**

COMO GERAR UMA ESFERA PÚBLICA?

Esta atividade ainda está em aberto; será elaborada ao longo do evento, a partir das sugestões das pessoas que participarem das oficinas e que assistirem às palestras e aos debates. Por enquanto, pensamos ao menos em uma conversa informal, que articule as principais descobertas e reflexões geradas pelo projeto.

Nesta data estarão em São Paulo os coletivos Cinefalcatrua, de Vitória; GIA – Grupo de Interferência Ambiental, de Salvador; Grupo Poro, de Belo Horizonte; e Laranjas, de Porto Alegre, em função de uma exposição no Centro Universitário Maria Antônia. Integrantes destes coletivos já demonstraram interesse em colaborar na criação e na realização desta atividade.

3. CURRÍCULOS DOS COLABORADORES

CRISTINA RIBAS

São Borja, 1980. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formada em Artes pela UFRGS, em 2004, e mestranda em Artes Visuais na UERJ. Desenvolve a pesquisa militante *Arquivo de emergência: documentação de eventos de ruptura*, arquivando e dispondo material sobre arte contemporânea brasileira. Faz parte do grupo Laranjas (desde 2001, coletivo *In situ*), formado também por Fabiana Rossarola, Jorge Menna Barreto e Cristiano Lenhardt. Recebeu prêmio das instituições: Chave Mestre (Prêmio Interferências Urbanas, Rio de Janeiro, 2006); FUNDARPE (Bolsa de Pesquisa do 46º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, Recife, 2005); e Museu de Arte da Pampulha – MAP (Bolsa Pampulha, programa de residência artística, Belo Horizonte, 2003).

GRAZIELA KUNSCH

São Paulo, 1979. Vive e trabalha em São Paulo. Formada em Artes Plásticas pela FAAP, em 2001, e mestranda na ECA-USP (Bolsa Fapesp), com a pesquisa *Mutirão: refazendo as cidades*. Em 2004 foi professora da UERJ, ministrando as disciplinas *Desenho* e *Estudos específicos em arte contemporânea*. Entre 2001 e 2003 abriu sua casa como residência pública (Casa da Grazi), abrigando exposições e coletivos de diferentes cidades brasileiras. Entre as exposições coletivas de que mais gostou de participar estão *Sobre(a)ssaltos* (Belo Horizonte, Itaú Cultural, 2002), *Manifestos contemporâneos* (São Paulo, SESC, 2003) e Festival Mídia Tática Brasil (São Paulo, Casa das Rosas, 2003, junto ao coletivo de coletivos Rejeitados). Entre as suas exposições individuais destaca-se *Um espaço para a contracultura inglesa* (prêmio 8. Cultura Inglesa Festival, Centro Brasileiro Britânico, 2004). Foi artista residente do ateliê da FAAP na Cité des Arts. Organizou e apresentou as mostras de vídeo *Brasileira* (Amsterdam, The Next Five Minutes, 2003 e Berlim, Neue Dokumente, 2003), que reuniu vídeos de 30 coletivos de artistas e ativistas brasileiros; *Manifestação* (São Paulo, Mostra SESC Artes e Latinidades, 2003); *Permitido* (Fortaleza, Alpendre, 2004); e *Retrospectiva do Centro de Mídia Independente* (Rio de Janeiro, programa especial da Mostra do Filme Livre, Centro Cultural Banco do Brasil, 2006). Em 2006 co-organizou o Cineclube de Documentários Brasileiros da Ocupação Prestes Maia. Grazi é responsável pela Editora Pressa e membro dos coletivos editoriais da revista Urbânia e do jornal O Independente.

JORGE MENNA BARRETO

Araçatuba, 1970. Vive e trabalha em São Paulo. Formado em Artes pela UFRGS, em 1997, e mestre em Poéticas Visuais pela ECA-USP, em 2007. Tem pesquisado sobre a relação do trabalho de arte com o seu contexto e os possíveis desdobramentos da prática do *site-specific* na atualidade. Muitos de seus trabalhos convidam o espectador a interagir diretamente. Entre as principais exposições coletivas estão a Bienal de Havana (2000), a Bienal do Mercosul (2001) e o Projeto Rumos Itaú Cultural (2002). Entre as exposições individuais, destaca-se a intervenção feita no Torreão em Porto Alegre (2000), Artspot Gallery em Atlanta (2003), Centro Cultural São Paulo (2004) e Paço das Artes, São Paulo (2007). Faz parte do grupo Linha Imaginária com o qual participou de diversas exposições coletivas pelo Brasil. É também integrante dos grupos Laranjas e Rejeitados. Atuou como professor na graduação do curso de Artes Visuais na ULBRA (RS) entre 2001 e 2005. Atualmente trabalha como coordenador do Grupo de Educação Colaborativa do Paço das Artes, São Paulo.

LOUISE GANZ

Arquiteta pela UFMG e artista pela Escola Guignard. Mestranda em Artes Visuais na UFMG, com a pesquisa *A cidade jardim*. Professora na Escola de Arquitetura Unileste. Desenvolveu projetos coletivos como *Perpendicular Hotel Bragança* (2002), *Amnésias Topográficas* (2002) e *Lotes Vagos: Ação Coletiva de Ocupação Urbana Experimental* (2005). Recebeu o 1º Prêmio no Concurso Internacional de Arquitetura *E2: Exploring the Urban Condition*, França (2003). Participou da 9ª Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza (2004). Em 2006 foi selecionada pelo Programa Petrobrás Cultural de curtas para mídias digitais, com o projeto *Banquetes coletivos que reinventam espaços públicos* e realizou o documentário *M2- construindo espaços públicos temporários*, para o DOCTV VIII, TV Cultura, com exibição em rede nacional. Em 2007 foi selecionada para o projeto *Trajétoérias*, FUNDAJ, Recife, com o projeto *Ajardinar o Mundo*; para a coletiva *Percursos*, no Palácio das Artes, Belo Horizonte; e para apresentar o projeto *Lotes Vagos* no Holcim Fórum for Sustainable Construction, em Shanghai, China. Participou de diversos festivais de cinema e vídeo em 2005 e 2006, como Vídeo Brasil, FLUXUS, KunstFilmBiennale Köln, Centre George Pompidou - Programa Fluxus Brasil, Indie, Circuito Mineiro de Audiovisual, RESFEST, KO VideoFestival - África do Sul, 8ª e 9ª Mostra de Cinema de Tiradentes.

MAÍRA VAZ VALENTE

São Bernardo do Campo, 1981. Estudante de Licenciatura em Artes Plásticas na ECA-USP. Interessada em educação e na linguagem da performance, coordena o Núcleo Aberto de Performance (NAP), que pesquisa um espaço de prática e reflexão desta linguagem e suas possibilidades no campo das experiências pedagógicas. Fluência em inglês. Maíra foi convidada para ser mediadora do Café Educativo, junto ao Grupo de Educação Colaborativa.

MARTIN GROSSMANN

Professor Titular da ECA-USP. Desde setembro de 2006 é Diretor do Centro Cultural São Paulo, da Secretaria da Cultura do Município de São Paulo. Idealizador e coordenador do *Fórum Permanente: Museus de Arte, entre o público e o privado* [<http://www.forumpermanente.org>]. Membro do IKT – International Association of Curators of Contemporary Art. Entre as suas curadorias estão *Claraluz*, exposição individual de Regina Silveira (São Paulo, Centro Cultural Banco do Brasil, 2003); *Au-delà du COPAN, Beyond the Copan, Supernatural Urbanism* (Paris, École Nationale Supérieure des Beaux-Arts e Espace Paul Ricard, 2005, em parceria com Carlos Cardenas) e *Outra objetividade: o Centro Cultural São Paulo no olhar dos artistas* (2007).

MARTHA ROSLER

Nova Iorque, 1943. Martha trabalha com vídeo, fotografia, instalações e performance, além de escrever ensaios críticos. Ela tem dez livros publicados, destacando-se *Decoys and disruptions: selected writings, 1975-2001* (October books, 2006) e *In the place of the public* (Cantz, 1999). Uma retrospectiva de sua obra foi apresentada em cinco cidades da Europa e em Nova Iorque, acompanhada do catálogo *Martha Rosler - Positions in the Life World*, pela MIT Press. Entre as exposições de que participou estão *Documenta 12* (Kassel, 2007), *Skulptur Projekte Münster* (2007), *Mapping the city* (Amsterdam, Stedelijk Museum, 2007) e *Utopia Station* (Bienal de Veneza, 2004). Em 1989 organizou, durante seis meses, o projeto *If you lived here*, no Dia Art Foundation, Nova Iorque, que incluiu exposições coletivas, mostras de vídeo, leituras e uma série de debates sobre moradia e visões da cidade. Este projeto gerou o livro *If you lived here: the city in art, theory and social activism* (Bay Press, 1991), editado por Brian Wallis, com transcrições dos debates e contribuições de Alexander Kluge, Allan Sekula, Rosalyn Deutsche e Neil Smith, entre muitos outros. Atualmente, Martha realiza a itinerância do projeto *Martha Rosler's Lybrary*, no qual ela disponibiliza os aproximadamente 7.700 títulos de sua biblioteca pessoal para uso público.

MÔNICA NADOR

Ribeirão Preto, 1955. Mestre em Poéticas Visuais na ECA-USP, com a pesquisa *Paredes Pinturas*. Coordenadora do Jamac – Jardim Miriam Arte Clube. Entre as suas exposições destacam-se 27ª Bienal de São Paulo (2006), *A cidade para a cidade* (São Paulo, Galeria Olido, 2006), *Mônica Nador em colaboração com o núcleo de pintura do Jamac* (Toulouse, Croix Barangon, 2005), *Panorama de Arte Brasileira* (São Paulo, MAM, 2001), 7ª Bienal de Havana (2000), *inSITE* (San Diego e Tijuana, 2000), *Parede para Nelson Leirner* (São Paulo, MAM, 1996), *Geração 80, como vai você?* (Rio de Janeiro, EAV Parque Lage, 1984) e *Onde está você Geração 80?* (Rio de Janeiro, CCBB e Recife, Museu do Estado, 2004). Em 2000 recebeu a Bolsa Vitae de Apoio à Cultura.

RAFI SEGAL

Tel-Aviv, 1967. Graduado (1993) e mestre (2001) em Arquitetura pelo Technion – Israel Institute of Technology, Haifa. Doutorando na Princeton University School of Architecture, onde é professor. Entre 1992 e 2000 trabalhou com o arquiteto Zvi Hecker no design do *Palmach History Museum*. Mais tarde, desenvolveu sua própria prática e formou uma parceria com Eyal Weizman, com quem realizou diversos projetos, exposições e publicações, entre elas *A Civilian Occupation - the Politics of Israeli Architecture* (Verso, Babel, 2003), *The Ashdod Museum of Art* (2000-2003), e *Mythos* (2002). Rafi recebeu prêmios por seu trabalho, entre eles um prêmio do Ministério da Cultura de Israel para jovens artistas (1996) e o prêmio da Associação de Arquitetos de Israel para jovens arquitetos (2001). Ele realizou curadorias e apresentou seus trabalhos no Storefront (Nova Iorque), KW (Berlim), Witte de With (Rotterdam) e em

galerias de Tel-Aviv, Viena, Estocolmo e Malmo. Sua pesquisa e seus projetos arquitetônicos foram discutidos nas publicações *The New York Times*, *DOMUS*, *Techniques et Architecture*, *Art Forum*, *The Journal of Architecture*, *L'Architecture D'aujourd'hui*, *Le Monde Diplomatique*, *Architektur Aktuell*, *Berliner Morgenpost*, *Ha'aretz*, *Harvard design magazine*, entre outras. Seu trabalho atual é focado em urbanismo; em 2008 será lançado o livro *Cities of Dispersal*, co-editado com Els Verbakel.

RAQUEL GARBELOTTI

Dracena, 1973. Vive e trabalha entre Vitória e São Paulo. Mestre em Artes Visuais, pela UNESP. Leciona e pesquisa disciplinas sobre espacialidades na UFES. Integra o grupo de pesquisa PLACE: Plano Conjunto de Espacialidades. Realizou uma série de exposições individuais, como *Juntamentz* (Casa Triângulo, 2006) e *Paisagem sucessiva* (Casa Triângulo, 2003). Em 2006 realizou o trabalho em campo *Discurso, paisagem e outras especificidades*. De suas exposições coletivas destaca-se a 25ª. Bienal de São Paulo (2002) e o Panorama de Arte Brasileira (2001).

REGINA MELIM

Lages, 1955. Professora titular e pesquisadora em arte contemporânea na UDESC. Doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo (2003) com pesquisa em Performance nas Artes Visuais. Coordena desde 2005 o Grupo de Pesquisa: Processos Artísticos Contemporâneos, organizando desde então as exposições: *Midiações: ações orientadas para fotografia e vídeo em debate*, Museu de Arte de Santa Catarina, Florianópolis, SC, (2005); *Disposição*, espaço Contramão, Florianópolis, SC, (2006); e as exposições portáteis (formato publicação): *pf* (2006) e *amor: leve com você* (2007). Website: <http://www.terreno.baldio.nom.br/>

RUBENS MANO

São Paulo, 1960. Formado em Arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, em 1984. Mestre em Poéticas Visuais pela ECA-USP, em 2003. De suas exposições, destaca-se *inSITE* (Tijuana e San Diego, 2005), *Citizens* (Belfast, Leicester e Londres, 2005), *CASA – Uma poética do espaço* (Vitória, 2004), 25ª Bienal de São Paulo (2002), Panorama de Arte Brasileira (2001), *(quase) EFÊMERA ARTE* (Campinas, 2001) e a individual *tudo entre nós* (Casa Triângulo, 2004).

TATIANA FERRAZ

São Paulo, 1974. Formada em Arquitetura e urbanismo pela Escola da Cidade, em 2007 e em Artes Plásticas, pela Unesp, em 2000. Mestre em Artes Visuais pela ECA-USP, com o projeto de pesquisa *Trabalhos de escala ambiental: a escultura moderna em questão*. De suas exposições individuais destacam-se *Miolo de Quadra* (São Paulo, Ateliê 397, 2004) e *Sítio Primordial* (Centro Cultural São Paulo, 2003). Entre as exposições coletivas estão *Projéteis* (Rio de Janeiro, FUNARTE, 2005) e *Projeto Perambulações #2* (Rotterdam, II Bienal Internacional de Arquitetura, 2005). Tatiana é co-editora da revista Número, desde 2003.

VITOR CESAR

Fortaleza, 1978. Vive e trabalha entre Fortaleza e São Paulo. Formado em Arquitetura e urbanismo pela UFC, em 2003. Mestrando em Poéticas Visuais na ECA-USP, sob orientação de Ana Maria Tavares, com a pesquisa *Colaborações entre artistas no Brasil: arte no interesse público*. É integrante da Transição Lustrada e da BASE. Participou do programa *Artists-in-residence* no MuseumsQuartier em Viena, 2006; e integrou o projeto de pesquisa *Modos de Fazer*, através do Prêmio de Incentivo às Artes em Fortaleza, 2005. Em 2007 participou do *In Between Zone Workshop* (Budapeste, Impex – Contemporary Art Provider), que abordou temas relacionados à arte pública e a planejamento urbano.

CONTATO DOS PROPONENTES

Graziela Kunsch
editorapressa@uol.com.br
11 5539-3137

Vitor Cesar
ritin@uol.com.br
11 3801-4501

anexos a este projeto : currículos completos dos proponentes, cartas de anuência dos colaboradores e documentação pessoa jurídica